

Processos formativos em cinema e audiovisual

Cineclubismo militante e a criação de um novo ser social¹

Arthur Ramos da Conceição²

Instituto Federal de Ensino, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG)

Resumo: O presente artigo busca fazer uma série de correlações e apontamentos visando a construção do movimento cineclubista em Goiás. Partindo das experiências realizadas pelo CineClube Ismael Silva de Jesus e fazendo um levantamento histórico dos dois anos de atividade do projeto de extensão, inicia um debate filosófico sobre o que o cinema representa à sociedade moderna, bem como suas relações com a realidade material a qual está posta aos homens de seu tempo e a representação destes nas obras. Assim, após vários questionamentos e relatos da construção de um dos cineclubes de Goiás, aponta saída e possibilidades para o avanço do movimento cineclubista junto ao avanço dos demais movimentos sociais em um contexto de avanço de uma política de destruição do Estado.

Palavras-chave: Ismael Silva de Jesus. Dirce Machado. Movimento Social. Cineclubismo. Subjetividade do homem moderno.

Resumo Expandido: O cinema surge em meio aos avanços tecnológicos das Revoluções Industriais e logo torna-se uma arte moderna e burguesa. Reis (2015) apresenta que essa nova arte se popularizou por sua capacidade de fazer a junção das nossas faculdades mentais ao mesmo tempo que põe em contradição a razão e a emoção, se tornando a expressão de sentimentos profundos e compreensíveis às massas. Ao mesmo tempo, porém, a dita sétima arte se encontra dentro de uma sociedade de exploração e dominação que usa de artifícios culturais para garantir sua continuidade.

Nesse sentido, é preciso entender como se dão as formas de dominação dentro da sociedade moderna. Marx em seu estudo sobre os espaços que se dão às diversas formas de exploração e opressão apresenta os conceitos de infraestrutura e superestrutura. A infraestrutura está ligada às forças de produção, ou seja, as matérias primas, os meios de produção e as relações patrão - empregado. É o local no qual se dará a exploração direta do trabalho e a acumulação de capital. Já a superestrutura se configura como os meios pelos quais as classes dominantes garantem a perpetuação da exploração, está ligada ao papel da religião, dos aparatos jurídicos e

¹ Trabalho apresentado durante a X SAU _ Semana de Cinema e audiovisual da UEG.

² Estudante do quarto período do curso de Graduação em Licenciatura em História do IFG Campus Goiânia e pesquisador no NEPA - EPE (Núcleo de Estudos e Pesquisas Avançadas - Ética e Política Emancipatória).

Processos formativos em cinema e audiovisual

até mesmo ao próprio Estado. Estes dois conceitos, juntos, levam à um terceiro, o de ideologia, sobre o qual Marx apresenta que:

As idéias dominantes nada mais são que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como idéias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação (MARX, 1993, p. 72)

Ou seja, as ideias que conduzem o pensamento majoritário em uma sociedade não surgem do nada, mas da realidade material transplantada ao mundo das ideias. Logo, em uma sociedade capitalista, de antagonismo de classes, as ideias que dominam a sociedade são as de perpetuação da exploração do homem pelo homem. Por conseguinte, tanto a infraestrutura quanto a superestrutura carregam em si a manutenção da exploração e a repressão contra os trabalhadores.

A cultura, e conseqüentemente o cinema, entram justamente na parte de uma superestrutura regida por ideais capitalistas. A arte e a subjetividade humana são frutos da materialidade histórica e social. O homem, portanto, deve ser entendido a partir de sua produção histórica, cultural e material, ou seja, daquilo necessário para manutenção de sua vida. Assim, o que vemos dentro da ampla maioria dos filmes, em especial aqueles dito comerciais, é a recriação da imagem do burguês no mundo. Ou seja, não há uma reprodução da vida material, mas a romantização e moralização da vida material ao mostrar um mundo completamente lindo em que todos possuem as mesmas oportunidades e são iguais perante a lei.

Com o avanço tecnológico, o homem é posto em constante movimento junto a sua subjetividade e tende a caminhar rumo a um ponto comum: a alienação. Com a popularização da televisão isso passa a ser um processo muito mais intenso e controlado pelos grandes conglomerados burgueses de mídia, que ditam o que é bom e pode chegar a camadas mais pauperizadas e o que estes não podem ter acesso pelos mais diversos motivos. Daí surge e se consolida o chamado *mainstream*, que dita as regras sobre o que pode ser visto e o que não convém ser mostrado.

Isso causa um sério problema, dentre muitos outros, de invisibilização de grande parte da sociedade, que só após muitas reivindicações começa a aparecer ainda de forma muito romantizada e, conseqüentemente, aburguesada nas telas.

O cineclubismo questiona tudo isso e propõe uma nova alternativa. Hoje é muito comum que o cinema seja analisado fora de suas bases materiais, apenas como

Processos formativos em cinema e audiovisual

forma de entretenimento e aprofundamento da alienação. É necessário que invertamos essa lógica. O cinema deve ser usado como forma de reflexão e cultivo de ideias. Lukács (1972) apresenta que a arte possui uma função social de desfetichizar a realidade social e questionar o seu próprio eu e, principalmente, o nós³. Haja visto que, o conjunto do patrimônio material e imaterial da humanidade é um processo contínuo de formação do ser social passado por gerações.

Desta forma, é preciso ter em mente dois ideais pedagógicos: a Omnilateralidade e a Politecnicidade, apresentados nas obras dos sociólogos soviéticos Moisey Pistrak e Viktor Shulgin, respectivamente. Ambos partem de um projeto contra hegemônico da educação que visa a libertação do homem de suas amarras e o fim da exploração deste por ele mesmo. Essa ruptura deve ser ampla e radical, isto é, deve atingir uma gama muito variada de aspectos da formação do ser social, portanto, com expressões nos campos da moral, da ética, do fazer prático, da criação intelectual, artística, da afetividade, da sensibilidade, da emoção.

O cineclubismo, ainda mais quando junto à educação, deve portanto garantir que deixemos o utilitarismo e o debate da arte descolada de sua realidade material e que partamos para um debate de práxis antológica, ou seja, que o debate das categorias sociais parta da vivência e que esse debate caminhe rumo à consolidação de uma série de soluções para os problemas apontados. Garantindo então suas funções de educador e de organizador ao mesmo tempo. O cinema, e os cineclubes com suas oficinas, permitem esse diálogo com a Omnilateralidade da educação na formação de seres críticos e políticos organizados tendo em vista uma contrarrevolução.

Referências Bibliográficas

LUKÁCS, Georg. **Estética: la Peculiaridad de lo Estético**. Vol. 2: Problemas de La Mímesis. Traduzido do original em alemão por Manuel Sacristán. Barcelona (Espanha), Grijalbo, 2ª ed, 1972.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

REIS, Ronaldo Rosas. **Ideologia e educação estética no cinema**. Revista Crítica Marxista, ed. 41, p. 105-122, 2015.

³ Entende-se por “nós” o conjunto de “eu” em uma sociedade. A vida coletiva que parte de uma série de relações em que os indivíduos não estão isolados.